

PIONEIROS



Galdino Nunes de Melo

Brasília, um motivo de orgulho para todos

Arquivo pessoal



**GALDINO COM A ESPOSA
EM UMA DAS INÚMERAS
FESTAS DA BRASÍLIA
DAQUELA ÉPOCA**

VINICIUS NADER

ESPECIAL PARA O CORREIO

Além de representar um progresso para o Brasil como um todo, a transferência da capital federal para o Planalto Central também foi um avanço na vida de muitos pioneiros que por aqui se arriscaram. É o caso de Galdino Nunes de Melo, que veio de Anápolis, cidade do interior de Goiás, para Brasília em 1958 e viu sua vida mudar completamente. Aos 20 anos de idade, o mecânico de bicicletas desempregado Galdino se transformou em um empregado de construtora da nova capital e hoje é um economista formado e aposentado.

Galdino Melo veio para Brasília a convite de um vizinho de Anápolis que já estava aqui. “O emprego em Anápolis estava difícil e esse meu amigo disse que aqui em Brasília havia muito trabalho braçal, pesado mesmo”, conta Galdino, que não se assustou e não temeu a mudança. “Minha família não gostou muito da idéia porque algumas pessoas viam Brasília como um monte de mato para onde vinham pessoas de todos os cantos do país e onde poderia haver muita violência. Mas na verdade

era uma cidade tranqüila”, lembra o pioneiro.

Se a impressão que a família do pioneiro tinha de Brasília não era das melhores, Galdino teve um primeiro encontro com a cidade classificada por ele como “inesquecível”. Depois de sair de Anápolis de manhã, de carona em um caminhão velho, e chegar em Brasília somente ao

anoitecer, Galdino foi brindado pela natureza com um verdadeiro espetáculo. “Não posso esquecer aquele céu anoitecendo, com um horizonte enorme e sem montanhas. Logo no primeiro dia de Brasília me emocionei com a cidade”, afirma, mais uma vez emocionado.

Mas a chegada em Brasília não foi só de coisas boas. Como

era de noite e Galdino não tinha dinheiro para ir até o acampamento de seu vizinho, que ele nem sabia onde era, o pioneiro resolveu pedir ajuda na única barbearia que estava aberta na Cidade Livre (Núcleo Bandeirante). Para a surpresa do pioneiro, o dono do estabelecimento não se opôs à permanência de Galdino por lá. “Durante duas ou três noites — até encontrar meu vizinho — dormi na cadeira da barbearia mesmo”, lembra. Somente depois de encontrar o vizinho na feira — “todo mundo se encontrava na Cidade Livre, pois era o único local que podíamos ir” — é que Galdino conseguiu uma moradia, no acampamento da construtora Joubert, e um emprego para abrir as valas dos canteiros de obra. “Brasília recebia gente de todo lugar porque os salários eram pagos em dobro para que as obras pudessem ser entregues no prazo estipulado. Lembro que meu primeiro salário aqui foi marcante porque eu nunca tinha visto tanto dinheiro junto em minha vida”, diverte-se o pioneiro, que chegou a pensar em voltar para Anápolis, mas desistia sempre que lembrava as compensações

financeiras de estar aqui.

Sem estar acostumado ao trabalho braçal, Galdino logo pediu para ser aproveitado em outra área da construtora e acabou sendo nomeado auxiliar de cozinha na construtora Planalto, onde servia engenheiros americanos. Em pouco tempo, Galdino era promovido a garçom. “Como os engenheiros eram americanos, precisávamos de aulas de inglês com termos básicos como *water* e *fork* para entendermos o que eles estavam nos pedindo”, conta o pioneiro ressaltando que a professora viera de São Paulo especialmente para essas aulas. Durante esse tempo em que Galdino trabalhou com garçom da construtora Planalto havia muitas festas em que ele tinha que trabalhar, muitas com a presença de personalidades da cidade, como Israel Pinheiro. Em uma dessas reuniões, a noite já era alta quando dois engenheiros americanos começaram a brigar. “Já era muito tarde e estávamos loucos para que aquela festa terminasse logo. A briga começou e um dos engenheiros tomou um soco na cara e caiu sentado dentro do balde com água e sabão que usávamos para limpar o salão. A gargalhada

PIONEIROS

O pioneiro chegou de Anápolis em busca de trabalho. Aqui foi empregado de uma construtora, do Serviço de Limpeza Urbana, estudou e se formou em Economia



GALDINO COM A FAMÍLIA EM MOMENTO DE COMEMORAÇÃO NA CIDADE

Raio X

Nome: Galdino Nunes Melo
Idade: 65 anos
Origem: Anápolis, Goiás
Ano de chegada a Brasília: 1958.
Profissão: Economista aposentado
Esposa: Anabela da Cunha Melo
Filhos: Carlos, Charles, Julio, Ana Cláudia, Paulo e Marcos (falecido)
Netos: Carlos Eduardo, Charles Junior, Gabriela, Maria Alice, Mariana, Leonardo e Manoela

foi geral". Depois de passar por outros serviços em 1962, Galdino começou a trabalhar no Serviço de Limpeza Urbana (SLU), onde se aposentou.

Uma das lembranças de Galdino da época em que Brasília ainda nem havia sido inaugurada é da Barragem do Paranoá, para onde ele levava a comida dos topógrafos que ali trabalhavam. "A barragem era linda, um local com muita vegetação típica do cerrado, com árvores baixas, e animais pequenos, como gambás e muitas espécies de pássaros", conta. Mas uma vez o animal encontrado não tinha nada de pequeno. "Fui levar a comida de topógrafos que estavam trabalhando lá em baixo e quando cheguei perto deles me vi diante de uma sucuri de aproximadamente dez metros", garante Galdino, que espantou e não matou a cobra.

“NÃO POSSO ESQUECER AQUELE CÉU ANOITECENDO, COM UM HORIZONTE ENORME E SEM MONTANHAS. LOGO NO PRIMEIRO DIA DE BRASÍLIA ME EMOCIONEI COM A CIDADE”

Outra lembrança de Galdino é da visita do presidente francês Charles De Gaulle à nova capital brasileira. Mesmo sem ver o visitante, Galdino ouviu que ele era tão alto que tiveram que construir uma cama no hotel especialmente para o francês. Pelo sim, pelo não, Galdino batizou um de seus filhos de Charles em homenagem ao presidente. E parece que deu certo. "Meu filho não é tão alto quanto o presidente, mas tem mais de um metro e noventa de altura", garante o pioneiro.

Passados 45 anos de sua chegada em Brasília, Galdino olha para trás e faz uma reflexão de que a cidade e ele cresceram e se desenvolveram juntos. "Brasília hoje é motivo de orgulho para todos nós e eu cheguei aqui apenas com o primário concluído, trabalhei, estudei e consegui

me formar em economia depois dos 50 anos de idade", afirma um orgulhoso Galdino. Além do crescimento profissional, foi aqui que o pioneiro encontrou sua esposa, Anabela, e criou seus seis filhos, "todos formados", como faz questão de frisar. Romântico inveterado, Galdino lembra com detalhes o dia em que conheceu Anabela na praça da 2ª Avenida da Cidade Livre. "A praça estava cheia porque missionários americanos estavam pregando para trabalhadores. Quando eu vi Anabela pela primeira vez trocamos olhares e logo começamos a flertar. Tive a certeza ali mesmo de que ela seria a minha esposa". A mesma certeza que tinha o jovem Galdino ao escolher como sua cidade aquela que lhe ofereceu como cartão de visitas um inesquecível por do sol.